

ISSN 0104-0073

eISSN 2447-7443

Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A casa da teologia. Introdução ecumênica à ciência da fé.* São Leopoldo: Ed. Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2010, 246 p.

Claus Schwambach²

Assim como uma casa possui diversos recintos, nos quais o morador se sente em casa, os autores dessa espécie de “introdução à teologia”, enquanto área do saber científico em nível superior, tentam introduzir o estudioso da teologia na “casa da teologia”, valendo-se da *metáfora da casa*. A abordagem é marcada pelo empenho didático e o desejo de tornar questões complexas acessíveis àquele/a que está adentrando essa “casa”. “Destina-se a pessoas que frequentam os cursos de iniciação teológica, às que estão começando o percurso acadêmico e necessitam de um roteiro didático para se situarem, bem como às que querem atualizar seus conhecimentos” (capa do livro, parte de trás). Além de ser construído de modo didático, cada capítulo lança perguntas para a discussão, oferece alguns textos complementares (breves e bem pontuados!), além de apontar para um blog em que se encontram outros materiais (<http://www.casadateologia.blogspot.com/>), o que enriquece em muito o conteúdo da obra.

O capítulo 1 (*Na varanda*, p. 9ss), elaborado por Afonso Murad, apresenta, em primeiro lugar, “quem vem estudar teologia”, a saber, quem se prepara para uma função ministerial, lideranças e pessoas com demandas pessoais. Para Murad, os primeiros desafios de quem inicia o estudo da teologia consistem em se familiarizar com o novo saber, deixar-se purificar pelo pensamento crítico e praticar a leitura e manter o encantamento. Para ele, o grande desafio consiste em acompanhar o processo de caminhar “da fé para a teologia” (p. 16ss). “A teologia cristã só pode ser compreendida a partir da fé de que Deus mostrou quem ele é, manifestando o

² Claus Schwambach (Dr.) é professor de teologia sistemática na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, São Bento do Sul/SC. (e-mail: diretoria@flt.edu.br).

seu projeto de salvação para a humanidade ... o que nós, cristãos, chamamos de *revelação*” (p. 16). Murad entende que se faz necessário entregar-se ao assunto e buscar com avidez o conhecimento, atento aos riscos do fundamentalismo e do racionalismo. Ele tenta mostrar como fé, esperança e amor podem e devem pautar a atitude de quem estuda teologia.

O capítulo 2 (*Os alicerces*, p. 27ss), igualmente elaborado por Murad, tem como tema central a “matéria-prima” da teologia, que precisa ser transformada em “produto teológico”. Deus, a doutrina, a vida na igreja, as religiões e a religiosidade, bem como temas humanos significativos são vistos como tal matéria-prima. O desafio reside em transformar essa matéria-prima em reflexão teológica atual e contextual. Nesse capítulo, Murad oferece uma relação entre a teologia e outros saberes (com ênfase em conceitos como transsignificação, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade) e a ciência da religião. Murad destaca como momentos internos da teologia o que se denomina tradicionalmente de *auditus fidei* e *intellectus fidei*. Conclui, apontando para o avanço que ocorre na reflexão teológica. Seguem textos complementares e perguntas para conversa em grupo.

O capítulo 3 (*A sala de visitas*, p. 43ss), escrito por Murad, aborda primeiramente os significados do conceito “teologia” como reflexão, mais especificamente como reflexão sistemática, reflexão crítica, reflexão esperançada e sábia, reflexão sobre a fé cristã e sobre a fé vivida e transmitida pelas comunidades eclesiais e, por fim, como reflexão a serviço da evangelização do mundo. Em seguida, desenvolve a temática da teologia enquanto atividade de “interpretação da fé”. E, ao final, desenvolve reflexões sobre Bíblia, tradição e vida na comunidade, procurando resgatar o significado da relação entre Escrituras e tradição, sem deixar de considerar o papel do agir do Espírito Santo na interpretação. Sua visão é de que a teologia é “companheira e peregrina”, está a caminho, não ainda pronta e nem ainda no alvo.

O capítulo 4 (*Os corredores da teologia católica*), elaborado por Paulo Roberto Gomes, apresenta um corte longitudinal da história da teologia católica romana desde as Escrituras até a atualidade. O autor apresenta, em breves traços, os principais estágios ou etapas da história da teologia católica: teologia patrística (com destaque para os símbolos ecumênicos), teologia medieval (com destaque para as escolas teológicas), teologia neoescolástica, teologia em mudança (cf. modernismo da primeira metade do séc. 20), teologia dos períodos entre guerras (1918-1939) e teologia do Vaticano II, visto como “primavera” da teologia católica. O autor vai apontando simplesmente para os principais eventos e nomes, ilustrando os dados com alguns textos. Ele inclui na abordagem católica um tópico

sobre a teologia ortodoxa, enquanto “ícone esquecido” (p. 92ss). Também essa tradição é apresentada em suas diversas e principais etapas, da patrística até a atualidade, em poucas páginas (92-101).

O capítulo 6 (*Corredores da Teologia Protestante*, p. 103-138) foi elaborado por Paulo Roberto Gomes, com colaboração de Geraldo Cruz da Silva. Seguindo o mesmo “esquema” de apresentação das etapas da teologia católica, os autores mencionam as seguintes etapas: a Reforma protestante em seu contexto e sua teologia, Lutero e sua teologia, Ulrich Zwinglio, João Calvino, Menno Simons. Apresentam os desdobramentos da reforma no Pietismo, no Puritanismo e no Metodismo. Abordam a resposta evangélica à modernidade, os despertamentos, o fundamentalismo e o movimento evangélico. Chamam à memória ícones da teologia evangélica do séc. 20, como Karl Barth e a teologia dialética, Rudolf Bultmann e a teologia existencial, Jürgen Moltmann e a teologia da esperança. Concluem a abordagem apontando para a presença evangélica no Brasil atual, para elementos da história da implantação de igrejas evangélicas no Brasil e para o fenômeno do Pentecostalismo no Brasil, com um olhar para a doutrina pentecostal.

O capítulo 6 (*Na cozinha*, p. 140ss), elaborado pelos três autores do livro em conjunto, aponta em primeiro lugar para os diferentes níveis – metaforicamente falando: “diferentes pratos” – da teologia: teologia popular ou “sopa”, teologia pastoral ou “arroz com feijão”, teologia acadêmica ou “feijoada”, incluindo uma abordagem sobre a articulação entre esses três níveis. Na parte que segue, os autores oferecem um interessante olhar panorâmico sobre a situação atual da teologia como curso superior no Brasil, em sua função educativa, social e eclesial. Discorrem sobre os cursos livres de teologia e o reconhecimento civil, a formação em teologia protestante e em teologia católica no Brasil, a reflexão a partir das grades curriculares, os processos de validação dos cursos livres de teologia em faculdades reconhecidas, a profissão do teólogo e o significado social do curso de teologia. Trata-se de uma interessante abordagem, muito atual, não encontrada dessa forma em obras mais antigas de introdução à teologia.

O capítulo 7 (*Nos porões*, p. 164ss), tem como tema central a TdL – Teologia da Libertação. Afonso Murad apresenta primeiramente aspectos em torno do “nascimento da TdL”, incluindo uma descrição do cenário pós-Vaticano II, um olhar para o papel exercido pela pedagogia libertadora a partir da leitura da Bíblia (ver, julgar, agir), bem como para a função exercida pelos agentes de pastoral e teólogos. Em seguida, Murad apresenta a “consolidação da TdL”, apontando para as suas bases bíblicas, sua relação com o meio protestante e para os limites da TdL. Na sequência, ele trata da “crise da TdL” e os fatores que levaram a isso. Conclui

esse capítulo percorrendo sobre os caminhos para o futuro, vislumbrando que essa teologia será minoritária, pautada pela diversidade e pela postura de diálogo, caracterizada por se constituir num saber de muitos lugares e por ser uma teologia espiritual e profética.

No capítulo 7 (*Da casa à praça*, p. 193ss), Súsie Ribeiro trata das assim chamadas teologias contextuais em seus anseios, enfoques, representantes e variantes. A “teologia na praça” concebe-se como uma teologia que considera existir na terra enquanto casa comum de todos os seres humanos, como uma teologia sensível às questões da corporeidade e da alteridade, marcada por forte postura crítica frente às ideologias. Como teologias da praça a autora menciona as “teologias de gênero” (teologia feminista, mulherista, da masculinidade e de gênero na América Latina). Menciona ainda as “teologias étnico-culturais”, tais como a teologia ameríndia, a teologia negra, a teologia negra africana e a teologia afro-americana. A autora destaca a importância do diálogo inter-religioso para a teologia e aborda brevemente as teologias da sustentabilidade.

O capítulo 9, último (*A casa e a cidade*, p. 215ss), elaborado por Paulo R. Gomes, está voltado à pergunta, como a teologia pode comunicar com eficácia suas reflexões e convicções para um público maior (= cidade). O autor destaca a importância que a teologia possui na formação de pastores e leigos, no favorecimento da interação com a espiritualidade, no diálogo com outros saberes. Enfatiza a suma importância de a teologia tornar-se “teologia pública” (p. 231).

Essa obra oferece uma visão panorâmica sobre alguns temas centrais de assim chamadas “introduções à teologia”, sendo recomendada sua leitura pelos que estudam essa disciplina, em especial. Os pontos fortes do livro são seu caráter didático, sua linguagem simples sobre temas complexos, inclusão de pequenos textos complementares e perguntas que podem nortear o diálogo de grupos. A atualidade, ecumenicidade e a contextualidade também merecem destaque. Nesse sentido, o livro não substitui obras mais antigas nessa área, mas é recomendável como complemento à literatura que trata dos assuntos “clássicos” das introduções à teologia.